

Diário de Bordo - Visita ao ateliê do Coletivo Madrôa – fábrica abandonada de couro

Data da Visita: 3 de outubro

Local: Sede do Coletivo Madrôa - fábrica de couro abandonada

Trabalho realizado por: Carolina Leal, a107665

José Teibão é um artista cuja trajetória é marcada pela dedicação à arte como forma de expressão e terapia pessoal. Nascido em Guimarães e licenciado em Microbiologia, Teibão construiu um caminho fora dos percursos convencionais das artes, tendo de enfrentar desafios financeiros e trabalhar em várias áreas para sustentar a sua prática artística. Esta experiência, longe de ser um obstáculo, enriqueceu as suas obras com camadas de autenticidade e resiliência. Mesmo sem uma formação académica em artes, encontrou na criação artística um canal para explorar e processar questões pessoais e filosóficas, à semelhança de muitos artistas que o inspiram e que também utilizam as suas vivências e dificuldades para construir as suas obras.



Esta abordagem reflete-se em cada detalhe dos seus trabalhos, onde a arte surge como uma espécie de terapia – um espaço de reflexão e de memórias referentes à família. Ao utilizar objetos abandonados e materiais reutilizáveis carregados de memórias, ele cria instalações que evocam sentimentos de nostalgia, resistência e renovação. A fábrica abandonada que abriga o coletivo Madrôa é um palco perfeito para essa exploração. O ambiente reflete o próprio espírito de reconstrução e resinificação que permeia as obras de Teibão.

Observação e Análise dos Trabalhos

Ao passearmos pela fábrica, fomos confrontados com uma série de trabalhos que ocupam o espaço de forma fluida e quase improvisada, como se cada peça encontrasse naturalmente o seu lugar. Em vez de expor as obras de forma convencional, o artista integra os seus trabalhos no ambiente, criando uma experiência imersiva onde somos levados a refletir sobre a passagem do tempo e o impacto das histórias pessoais sobre os objetos. Esta integração reforça o conceito da arte como um espelho da realidade emocional do artista e do espaço à sua volta.

Os materiais reutilizáveis são o alicerce da sua prática artística. Lençóis antigos, cobertores desbotados, móveis abandonados – cada elemento carrega consigo uma história e é incorporado nas instalações como um fragmento de memória. Os lençóis, pendurados de forma improvisada e desgastados, não representam apenas o conforto doméstico, mas também a vulnerabilidade e a transitoriedade da vida humana. Estes tecidos criam uma sensação de lar dentro do ambiente industrial, em contraste com a frieza do espaço.

Para além dos tecidos, a presença de móveis e objetos do quotidiano dispostos numa organização caótica contribui para uma estética de acumulação e sobrecarga, onde cada peça parece contar uma história. Este acumular reflete a jornada do artista, que teve de enfrentar as incertezas financeiras e trabalhar em diversos setores para poder sustentar a sua prática artística. O conceito de reutilização e transformação de materiais – desde tecidos até móveis – torna-se uma metáfora da própria vida do artista, que constrói algo novo e significativo a partir do que poderia ser considerado descartável.



Arte como Terapia

O trabalho de Teibão reflete uma abordagem profundamente terapêutica. Tal como muitos artistas em que se inspira, ele utiliza a sua prática para processar e refletir sobre as suas experiências e desafios. Esta característica confere às suas obras uma intensidade emocional que vai além da superfície dos materiais, e o desgaste presente em muitos dos objetos reutilizados acaba funcionando como uma representação simbólica das marcas emocionais deixadas pelas vivências pessoais. A ateliê, neste contexto, torna-se não apenas um espaço de criação, mas um refúgio onde ele pode transformar experiências difíceis em algo belo.

Esta abordagem também demonstra uma reconexão com o passado, ao dar nova vida a materiais que carregam uma história. Cada peça reutilizada, cada lençol ou móvel desgastado, é uma lembrança de que o tempo e a experiência acumulam valor e significado. Ao reutilizar estes objetos, Teibão parece querer preservar fragmentos de memória, como se cada obra fosse uma cápsula do tempo que guarda pedaços de histórias pessoais e coletivas. Esta reconciliação entre passado e presente torna-se um convite para que o observador reflita sobre as suas próprias memórias e a sua relação com os objetos do quotidiano.

Reflexões Finais

A visita à sede do coletivo Madrôa foi uma experiência de imersão na poética de José Teibão. Não é apenas uma exposição de materiais reutilizados, mas uma profunda reflexão sobre a arte como veículo de memória, terapia e resinificação. A utilização de materiais carregados de história pessoal e o ambiente único do ateliê reforçam a mensagem de que a beleza pode ser encontrada no imperfeito, no gasto e no velho, e que até o que foi descartado pode ganhar nova vida através da arte.

Este espaço, ao mesmo tempo abandonado e revitalizado, reflete o próprio percurso do artista, que, longe de seguir um caminho

convencional, encontrou na criação um meio de explorar a sua identidade e enfrentar as suas batalhas pessoais. José Teibão mostra-nos que a arte não precisa de ser "perfeita" ou "polida" para ter valor; pelo contrário, muitas vezes é nas marcas do tempo e na vulnerabilidade que reside a maior autenticidade.

Entre todas as peças expostas, esta obra em particular captou a minha atenção de forma especial. Esta instalação, composta por dois tecidos pendurados, traz a imagem de uma porta desenhada com manchas escuras e textura rústica, como se tivesse sido marcada pelo tempo. O uso da cor e o desenho, da porta em si, no tecido provocaram em mim um misto de curiosidade e inquietação.

